

Língua de madeira e discurso de vento (Da transparência à opacidade no discurso político soviético.)

DOI: 10.20396/lil.v25i50.8670788

Patrick Sériot¹
UNIL – SUÍÇA

Tradutor
Dener Gabriel Ferrari
UNICAMP

Resumo

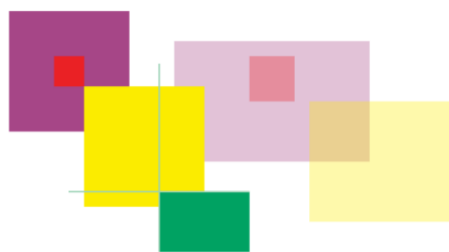
A União Soviética colocou um grave problema aos marxistas ocidentais por causa de uma relação especial entre a língua e o discurso. A expressão “língua de madeira” pertence aos detratores e adversários do regime soviético, sendo, por conseguinte, um instrumento polêmico. A imensa maioria dos textos ocidentais que têm por objeto a “língua de madeira” descreve-a como “a língua da mentira”, pressupondo assim, por contraste, uma língua do verdadeiro. Esta oposição mentira/verdade é uma armadilha à qual só uma análise do discurso permite escapar. Na condição de ter em conta a dimensão própria de uma língua, o russo, quando a quase totalidade das análises do discurso na França tinha por objeto textos redigidos em francês. Esta dimensão própria da língua permite afinar os procedimentos de análise do discurso, evitando uma simples análise de conteúdo. Os exemplos aqui apresentados mostram os becos sem saída de uma atitude ingênua de propor uma tradução do falso em verdadeiro.

Palavras-chave: União Soviética, língua e discurso, verdade e mentira.

Abstract

The Soviet Union has posed a serious problem for western Marxists because of a special relationship between language and discourse. The term “officialese” belongs to the detractors and opponents of the Soviet regime, so it is a polemical instrument. The vast majority of western texts which have taken as their object the “officialese” describe it as “the language of falsehood”, thus presupposing, by contrast, a language of the true. This lie/truth opposition is a trap that only a discourse analysis can escape. On the condition of considering the specific dimension of a language, Russian, whereas almost all the analyses of discourse in France were based on texts written in French. This particular dimension of the language makes it possible to refine the procedures of discourse analysis by avoiding making a simple

¹ Professor emérito da Universidade de Lausanne (Suíça). [N.T. A referência do artigo original é a seguinte: SÉRIOT, Patrick. Langue de bois et discours de vent (De la transparence à l'opacité dans le discours politique soviétique). *Essais sur le discours soviétique*, n. 2, p. 5-39, 1982].



analysis of content. The examples presented here show the impasses of a naive attitude consisting in proposing a translation of the false into the real.

Keywords: Soviet Union, language and discourse, truth and lie.

Apresentação à tradução brasileira

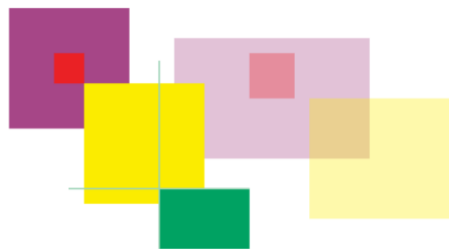
Não tenho a pretensão de apresentar Patrick Sériot ou de fazer um recenseamento do conjunto de sua obra para o leitor brasileiro: vários textos de sua autoria já foram traduzidos e circulam entre linguistas e analistas do discurso, de modo que ele fala por si próprio. A tarefa desta apresentação é, antes, bem mais modesta: apontar brevemente para as conjunturas em que o artigo foi escrito em francês e publicado originalmente em 1982, e que, a partir de agora, pode ser lido em português brasileiro.

Em *Língua de madeira e discurso de vento (da transparência à opacidade no discurso político soviético)*, Sériot se debruça sobre a expressão *língua de madeira*, buscando compreender como esse sintagma fixo emerge e passa a circular no espaço francês, a partir de algo que viria de outro lugar (da Polônia ou da União Soviética) e de outro tempo. Talvez estaria aí um primeiro mérito deste trabalho que, por si, só tornaria sua tradução para o português brasileiro relevante mesmo depois de quarenta anos da publicação original.

No entanto, em minha leitura (e toda tradução é uma leitura), a grande relevância do artigo é outra, e ela se dá por dois pontos que se conjugam:

O primeiro deles diz respeito ao modo pelo qual o autor trabalha a relação entre as línguas e diferentes regimes políticos. Ao longo do texto, Sériot se interroga sobre as maneiras de significar *língua de madeira* em várias línguas, analisa textos de russianistas sobre a língua de madeira no âmbito da União Soviética, aponta para as maneiras pelas quais esses textos vão produzindo algumas incompreensões sobre os sentidos de língua de madeira e como essas incompreensões trabalham ao longo de uma história de sentidos dessa expressão no espaço francês.

O segundo ponto a ser registrado tem a ver com o deslocamento teórico-analítico proposto pelo autor. Depois de suas análises, Sériot desloca a discussão para o campo da Análise do Discurso e destaca que, nessa perspectiva teórico-metodológica, se está bem longe de um sujeito que transmite algo sobre a verdade do mundo para outro sujeito.



O vigor do texto, a meu ver, está em mostrar que não há uma relação de reflexo ou espelhamento entre língua, mundo e verdade, mas que essa relação é antes mediada pela espessura material da língua, com suas falhas e seus equívocos. E a relação entre línguas e regimes políticos é um desses lugares privilegiados em que as falhas e os equívocos se mostram com mais força.

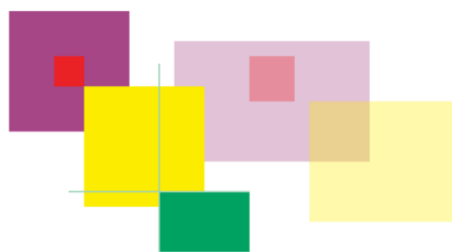
Cumpre dizer, ainda, algumas poucas palavras sobre a circulação do artigo em francês na década de 1980 e sobre o percurso de formação e atuação profissional do autor. *Língua de madeira e discurso de vento* foi originalmente publicado por Sériot em 1982, no periódico *Essais sur le discours soviétique*, da Universidade de Grenoble-III. Esse foi o primeiro artigo de uma série de trabalhos em que o autor tematizou de modo mais específico a questão da *língua de madeira* no âmbito do discurso político soviético. Alguns anos mais tarde, em 1985, o texto passou por algumas pequenas modificações e se tornou o primeiro capítulo do livro *Analyse du discours politique soviétique*.

À época da escrita, o autor realizava uma tese junto à Universidade de Grenoble III e fazia parte de um grupo de pesquisa vinculado à Universidade de Grenoble II. Quarenta anos depois, Sériot é hoje professor emérito pela Universidade de Lausanne, com notáveis contribuições à linguística eslava, à epistemologia comparada, à história da linguística e também à análise do discurso. Assim, diria que o artigo aqui traduzido nos permite visualizar o início de um percurso.

Por fim, não poderia deixar de agradecer ao Patrick Sériot, por permitir a tradução e a publicação do artigo, à Elisa Mara do Nascimento, por uma primeira revisão da tradução, à Ana Cláudia Fernandes Ferreira, pela revisão final da tradução, ao Gabriel Monteiro Salvador, pelos auxílios pontuais, e à Capes e ao CNPq, pelas bolsas de mestrado e doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística junto ao IEL/Unicamp, que possibilitaram e possibilitam minha dedicação à pesquisa.

Eis o texto que a partir de agora pode circular mais facilmente em uma nova época, em um novo espaço e em português brasileiro.

Dener Gabriel Ferrari
Campinas, setembro de 2022.



Há metáforas que não são conceitos à disposição, mas sim o *traço* de uma interrogação, de uma falha do dizer; lugares vazios, elas “produzem” o lugar que terá de ser preenchido.

Assim é o termo “língua de madeira”, não definido em lugar algum, mas cujo uso inflacionário atual funciona como um sintoma. Sintoma da impressão confusa de que há *uma relação peculiar entre a linguagem e o poder* em um regime político do tipo soviético.

A expressão “língua de madeira”, contudo, não recobre ainda outra coisa, que relevaria da surdez à *ordem do discurso*, que trai o próprio emprego da palavra “língua”?

Vamos tentar mostrar o que há de paradoxal no emprego dessa expressão, cuja forma simultaneamente revela um problema e contribui para mascarar, ou mesmo bloquear, todas as vias de pesquisa para sua solução.

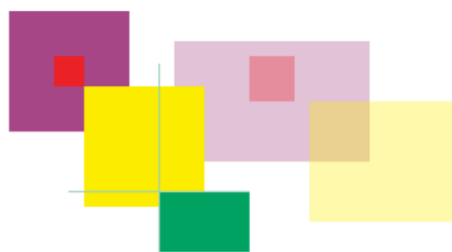
I – Essa madeira da qual se faz a língua

1/ Diversas circunstâncias fizeram com que surgisse na França uma certa reflexão universitária sobre o *discurso político*² nos anos 1968-70. É por esse objeto específico do “político” que a Análise do discurso se diferenciou tanto em relação à “Textlinguistik” da RFA³, centrada nas relações inerentes a um texto fora de qualquer referência a suas condições de produção e de interpretação, quanto da “Filosofia da linguagem ordinária” dos anglo-saxões, que se ocupava da pragmática na “vida cotidiana”. Se ela se apoiava metodologicamente sobre o artigo “Discourse Analysis” (Harris-1952) (tentativa de testar procedimentos distribucionais no nível transfrástico que funcionavam até o presente momento no escopo da frase), ela igualmente se oporia a ele por sua insistência sobre o político.

Quanto às relações com os trabalhos de linguística na URSS, a análise do discurso na França jamais se questionou a respeito de uma eventual demarcação com uma problemática soviética essencialmente sociolinguística, na qual analisa-se menos o material linguístico do que a relação de *reflexo* entre a linguagem e a realidade (cf. Seriot-1982)

² Inaugurada pela tese de J. Dubois (1962). Para um histórico da Análise do discurso na França, cf. principalmente: J. Guilhamou e D. Mالدیدیر (1979), L. Guespin (1976), G. Chaveau (1978), J.J. Courtine (1982).

³ N. T. República Federal da Alemanha, também conhecida como Alemanha Ocidental.



Esse conjunto de trabalhos universitários franceses foca exclusivamente em um corpus feito de discursos de formações políticas francesas contemporâneas ou da época da Revolução de 1789. Em nenhum caso foi privilegiado o estudo de um corpus não-francês⁴.

2/ Na verdade, não encontraremos a expressão “língua de madeira” nessas pesquisas. Esse é, com efeito, um termo jornalístico, polêmico ao invés de universitário, sintagma fixo que designa de forma bastante vaga a “maneira de falar”, o “estilo” estereotipado do discurso político dos Partidos comunistas da Europa oriental e, por extensão, do PCF.

Esse termo não é ou quase não é empregado pelos linguistas que se ocupam da análise do discurso, mas sim, sem referência a sua origem, sem definição nem análise histórica, pelas pessoas que, por contraste, por complementaridade, não falam em “língua de madeira”. Acusar um indivíduo ou uma formação política de falar em “língua de madeira” equivale, portanto, simultaneamente a inocentar a si mesmo, a se colocar como falando uma língua ou escrevendo em um estilo isento de qualquer corrupção: “língua de madeira” tem um *funcionamento argumentativo*.

Convém destacar, por outro lado, que a análise do discurso na França, inclusive, e principalmente quando ela estudava o discurso do PCF, não tomou como objeto um corpus apresentado como escrito em “língua de madeira”, sendo a maior parte dos pesquisadores, na primeira metade dos anos 1970, próxima do PCF.

3/ Mas o que “a madeira” tem a ver com a “língua”? Seria interessante estudar os caminhos da expressão em francês.

Parece haver um certo consenso em associar “língua de madeira” a uma *tradução* de alguma coisa vinda do alhures, de um alhures que se situaria na Polônia no ano de 1956.

É assim que O. Reboul (1980, p. 182) declara:

⁴ Podemos citar o trabalho de A. Ouamara (1980) sobre o discurso da FLN na Argélia, mas o corpus que ele utiliza está *escrito em francês* [N. T. A Frente de Libertação Nacional é um partido nacionalista argelino fundado em 1954, com o objetivo de obter a independência frente à França].



“Pensamos nestes clichês oficiais nomeados na Polônia como ‘língua de madeira’, a qual tem justamente o papel de dar uma pancada no pensamento”⁵

Na Polônia, para designar o “estilo” dos discursos oficiais, diz-se “nowomowa”, sintagma formado por aglutinação, tradução direta do “newspeak” de G. Orwell, encontra-se “mowa-trawa” (“língua-grama”) nos discos dos cantores contestadores e, finalmente “drętwa mowa” (“língua dormente, imobilizada”). Ora, “drętwy” não tem a menor relação com “drzewo” (a madeira), mas deriva de “drętwiec” (imobilizar, petrificar).

É, contudo, nessa direção que é preciso buscar, uma vez que o dicionário da Academia (Słownik języka polskiego. Polska Akademia Nauk, 1960) dá ao artigo “drętwy”:

- Drętwa mowa. (*fraseologia política*): Meio de expressão que repousa sobre a utilização de slogans prontos, repetitivos.

E ele cita uma frase tirada do número de outubro de 1956 da revista *Przegląd Kulturalny*.

Ora, curiosamente, é justamente esta revista que é a mais frequentemente citada pelas revistas *Esprit* e *Les Temps Modernes* em seus números especiais sobre os acontecimentos de outubro de 1956 na Polônia (*Esprit*, dezembro 1956; *Les Temps modernes*, fevereiro-março 1957).

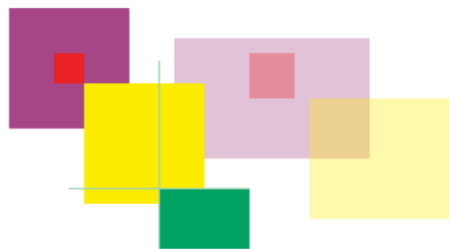
No entanto, nas revistas francesas dessa época, a expressão “língua de madeira” não aparece uma única vez. J. M. Domenach (*Esprit*, dez. 1956, p. 819) escreve a propósito também da Iugoslávia:

“O poder renunciou a martelar sua propaganda, mas sua linguagem permanece distante. ‘Língua morta’⁶, dizem os poloneses a propósito da imprensa, do discurso oficial”.

Se uma reflexão sobre a ligação entre língua e política começou na Polônia em outubro de 1956, não foi ela, ao que parece, que nos trouxe esta “madeira” da língua.

⁵ N. T. Na maioria dos casos, a tradução das citações também é de minha autoria e tem como base o texto de Sériot, em francês. Em casos específicos, recorri às traduções já disponíveis em português. Esses casos são sempre mencionados em notas de fim.

⁶ A expressão tcheca é “mrtvý jazyk”: “língua morta”.



Contrariamente ao polonês, o russo tem uma expressão equivalente à “língua de madeira”: деревянный язык [derevjannyj jazyk].

Cf. o Dicionário da Academia em 4 volumes (Словарь русского языка. Академия наук СССР [Slovar' russkogo jazyka. Akademija nauk URSS], 1957):

- деревянный язык: бедный, невыразительный, сухой, казённый [derevjannyj jazyk: bednyj, nevyrazitel'nyj, suhoj, kazënnij].

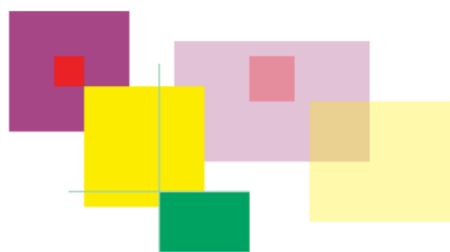
(pobre, inexpressiva, seca, burocrática).

Mas esse sintagma não é dado por nenhum outro dicionário soviético. Em contrapartida, деревянный язык [derevjannyj jazyk] não é empregado, ao menos com o sentido essencialmente *político* de seu equivalente francês, pelos dissidentes. Estes falam mais de топорный язык [topornyj jazyk] (língua cortada com machado), корявый язык [korjavyj jayk] (língua nodosa), дубовый язык [dubovyj jazyk] (língua de carvalho) суконный язык [sukonnyj jazyk] (língua de lençol),⁷ todas metáforas, exceto a última, que tem uma relação mais ou menos próxima com a madeira. No entanto, nenhuma destas metáforas designa um tipo específico de estilo *oficial*, mas antes uma língua pesada, áspera, em uma perspectiva que resultaria mais da *crítica literária* do que da análise do discurso. O melhor equivalente de “língua de madeira” seria então “казённый язык” [kazënnij jazyk] (língua burocrática).

O que nos permite pensar que “língua de madeira” é efetivamente uma tradução, é o fato de que, em francês, “de madeira” pode se opor a “de ferro” e a “de pedra” como “vivo”, “quente” se opõem a “morto” e “frio”⁸, enquanto que, em russo, por exemplo, деревянный [derevjannyj] (de madeira) se opõe a живой [živoj] (vivo).

⁷ A língua de lençol é, mais precisamente, a língua da bura, com a qual se cobre a mesa, é, assim, também a канцелярский язык [kanceljarskij jazyk], ou língua dos escritórios. [N. T. Em francês, *bure* e *bureau* têm a mesma etimologia. Mesa e escritório (o lugar e não apenas a escrivaninha) foram designados a partir de uma metonímia com esse tecido que ficava por cima e que chamava *bure*].

⁸ Em sentido inverso, todavia, “de madeira” opor-se-á a “de carne”. Por outro lado, a construção *de madeira* é um velho semanticismo da língua francesa (ordinária!), que designa uma coisa artificial, sem vida etc... No século XVII, um homem “que não é de madeira” é “valente” (Oudin 1640), em alusão aos figurinos, marionetes e também às peças do jogo de xadrez, provavelmente. Furetierre já conhecia os célebres “trompetes de madeira” (que não tocam) em 1690. Daí decorreria toda a série, cavalos de madeira, sino de madeira (XIX) e o *chèque en bois* [cheque



Mas, também, uma tradução vinda de lugar algum e que dá um sentido específico que não encontramos em nenhuma outra língua europeia:

- O italiano “lingua di legno” é atestado, mas só aparece, até onde sabemos, em traduções do francês (cf. J. L. HOUDEBINE: “Avere uno Stalin sula lingua”, em *Sessualità e potere*, A. Verdiglione éd., Marsilio, Venezia, 1976).

- O alemão “hölzerne Sprache” tem o sentido de “estilo pesado” como деревянный язык [derevyjannyj jazyk].

Assim, a versão alemã de *Nomenklatura* de M. Voslensky apresenta nos lugares onde em francês tem-se “língua de madeira”:

“Er ist in hölzerner, farbloser Apparatsprache verfasst...” (*Nomenklatura*, Fritz Molden Verlag, München, 1980, p. 200).

Mas é muito mais “Apparatsprache” do que “hölzerne Sprache” que pode ser associado aqui à “língua de madeira”.

- Quanto ao inglês, não há outro meio para designar a “língua de madeira” além de “officialese” ou “gobbledegook” (ou “official gobbledegook”)^{9 10}.

Nós concluiremos, portanto, por uma especificidade francesa do sentido puramente político de “língua de madeira”.

Esse sentido particular de “língua” política estática, próprio ao francês, teria surgido, a nosso ver, *no momento em que a necessidade se fazia sentir, no lugar que era propício*, porque existia ao mesmo tempo uma reflexão sobre a relação linguagem e política (a partir de 1968) e o “material” da metáfora, que já era, por si só, uma metáfora.

sem fundos], mais recentemente, que se insere em (na verdade é uma transformação de) *heures en bois* (1883, tipógrafos), que são as horas suplementares não pagas. A “língua de madeira” parece se inscrever naturalmente na série. Ela representa então o oposto da “língua verde” – gíriésca, mas flexível e engenhosa, como tudo que é verde... (Essas informações nos foram gentilmente comunicadas por Cl Duneton, a quem agradeço aqui).

⁹ “Gobbledegook”: palavra americana, designou a partir de 1944 (em um artigo de Maury Maverick, do New York Times) as “grandes palavras” pretensiosas e repetitivas dos burocratas de Washington (“Washington’s red tape language”). Formada a partir do som do peru cantando: a turkey-cock’s gobble (Fonte: Oxford English Dictionary, 2 vol.).

¹⁰ Assinalamos em espanhol “lengua de palo” (“língua de pau”), proposta pelo tradutor de *La langue introuvable* de M. Pêcheux e F. Gadet.



Encontramos, com efeito, na medicina veterinária, a expressão “língua de madeira”¹¹, que designa uma doença bovina: a *febre aftosa*. “Língua de madeira” é comumente utilizada pelos criadores franceses para falar dessa doença, que se caracteriza por “uma induração da língua, encontrada na actinomicose (cérvico-facial), (...) iniciando-se por uma tumefação *lingual* no ângulo do maxilar inferior” (Dictionnaire français de médecine et de biologie). É necessário especificar que essa doença é transmissível ao homem, e que ela tem por efeito inchar a língua, tornando a deglutição dolorosa e a fala incompreensível, até mesmo impossível¹².

(Teremos em inglês, “wooden tongue” ou “woody tongue”, *somente* nesse sentido especializado da medicina veterinária.)

Como então explicar a acepção atual de “língua de madeira” na esfera polêmica política do francês contemporâneo? Pensamos que um *lugar a preencher* para uma *ideia no ar* foi ocupado por uma colisão lexical entre “língua de madeira” dos veterinários e alguma coisa que giraria em torno de “*gueule de bois*”¹³, sob a influência distante de *деревянный язык* [derevjannyj jazyk]¹⁴. Com o terreno assim preparado, a expressão teve o destino que sabemos, reforçada pela “língua de vento” (R. DEBRAY-78, p. 78), que funda “língua de madeira” pelo jogo da conotação.

Restaria explicar por qual canal *деревянный язык* [derevjannyj jazyk] poderia ter sido conhecido e introduzido na França...

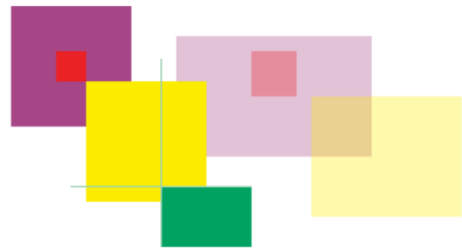
*

¹¹ N. T. No Brasil, *língua de madeira* e *língua de pau* são expressões populares para designar a actinobacilose.

¹² Esses esclarecimentos provêm da revista interna dos tradutores do Conselho da Europa em Estrasburgo: “*Le petit termophile*” N° 26, juin-juillet 1981.

¹³ N. T. Ao beber muito álcool, fica-se com a boca seca. Em outras palavras, *gueule de bois* seria uma boca tão seca quanto à madeira. Por extensão, a expressão também designa outros sintomas causados pela ressaca. Trata-se de outra expressão em francês que sofreu um deslocamento metonímico.

¹⁴ Naturalmente, não excluímos a hipótese de um erro de tradução de “*drętwą mową*”. Mas ela é posterior a 1956 (cf. J. M. Domenach: “Langue morte”).



Tudo isso seria somente, a bem dizer, puramente anedótico se a verdadeira metáfora, o verdadeiro “deslocamento” metafórico concernisse à “madeira”. Nós pensamos, ao contrário, que a *metáfora principal de “língua de madeira” diz respeito não tanto sobre a “madeira”, mas principalmente sobre a “língua”*. E é ela que irá contribuir para bloquear qualquer avanço teórico ou prático na análise do discurso político soviético, por uma *confusão* carregada de consequências *entre língua e discurso*.

II – Essa língua que se diz de madeira

A) Linguagem e realidade

O discurso político soviético não fez nascer na França senão um número restrito de trabalhos baseados sobre a materialidade linguageira. Ainda estes, na sua diversidade, são todos marcados por uma problemática comum: *a comunicação de um sentido e a relação com o real*.

1/ A mentira

Em uma extremidade desse leque, encontramos a ideia de que a “língua de madeira” é essencialmente, fundamentalmente, uma mentira. Essa ideia se encaixa na perspectiva de resistência moral da obra de Soljenítsin (cf. *Lettre ouverte aux dirigeants de l’Union soviétique: para lutar contra o regime soviético, é preciso dizer a verdade*).

1-1/ “Langue russe et langue soviétique” de Michel Heller.

Em um artigo do *Le Monde* (5-7-1979) M. Heller tenta definir a “língua de madeira”, que ele chama aqui de “língua soviética”, em oposição à “língua russa”. Trata-se de fato, para ele, de uma verdadeira “língua”, e os soviéticos seriam “bilíngues”, *escolhendo*, segundo as circunstâncias (em casa/em uma reunião oficial), utilizar uma ou outra das duas “línguas” a sua disposição. Teríamos então um fenômeno notável de diglossia.

A “língua soviética”, para M. Heller, é uma “língua totalitária” funcionando sobre a base de “slogans”. O slogan, “fórmula concisa tanto em sua forma como em seu conteúdo”, se define pelo seu “caráter monossêmico, que exclui qualquer variante”, que não deixa “margens para dúvidas”.



Mas ao mesmo tempo a “precisão bem científica” dessa “língua” produz como resultado uma mentira permanente, sendo o sistema soviético “uma mistura de ficção que o Verbo nomeia como realidade, e de realidade que o Verbo nomeia como mentira”.

Na origem dessa mentira, uma instituição, um lugar: o “poder”: “Na União Soviética é o poder que dá às palavras sua definição, que a elas permite ou não existir”. Haveria então, em algum lugar, *mestres das palavras* que decidem, por maquiavelismo político, a respeito da atribuição de um sentido, ou, ao contrário, a respeito da retirada de sentido de uma palavra: a função da “língua” soviética “se reduz em privar a palavra de todo sentido. A palavra perde sua significação habitual, imanente”. Um desses mestres das palavras é designado nominalmente: “Stalin se torna o mestre incontestável desse *jogo semântico*”.¹⁵

Por fim, a questão de uma reflexão sobre a língua se inscreve profundamente na luta política, uma vez que M. Heller conclui:

“O sistema soviético é uma ditadura da língua; para combatê-lo, é preciso, em primeiro lugar, destruir a língua da ditadura”.

No plano estritamente linguístico, nós destacaremos que as “palavras” têm um “sentido imanente”, que a “língua soviética” eliminaria, mas que, ao mesmo tempo, essas palavras estão organizadas em uma “língua” que diz a “ficção” e apresenta o “real” como falso. Haveria então uma “língua” para dizer o verdadeiro, o real: a “língua russa”, que é “mais bela”, e uma para dizer o falso: a “língua soviética”, que, socialmente, é “mais útil”.

1-2/ “La langue de bois soviétique” de Louis Martinez (em *Commentaire*, N^o 16, inverno 1981-1982, p. 506-515).

Essa dualidade verdadeiro/falso ou real/ficção se encontra de uma forma muito mais explícita no artigo de L. Martinez, para quem a “língua de madeira” se caracteriza por uma “relação aleatória com os fatos”.

Há, assim, de um lado, “os fatos”, “a realidade exterior objetiva”, “o acontecimento real”, “o real”, e, de outro, “as circunstâncias sonhadas”, “a inexistência”, “o grau de irrealidade

¹⁵ Destaque nosso.



do acontecimento”, “o acontecimento zero”, “a ficção verbal”, “a ficção socialista”, “a fábula socialista”, “o que não é”, “uma cidade inexistente”, “uma entidade fictícia”, “uma liturgia mentirosa”, “o delírio”, “o irreal” etc...

Este refinamento na exploração dos modos de expressão do não-ser leva L. Martinez a considerar que a função da “língua de madeira” é “descrever o surreal”, formulação que o posiciona exatamente na problemática de Alain Besançon (cf. mais adiante, §2).

Aqui também, por conseguinte, as palavras têm um “conteúdo conceitual”, que “se desvanece mais ou menos completamente por trás de sua função poética” (p. 509). Reconhecemos aí a ideologia da *comunicação*, tal como ela aparece claramente exposta por R. Jakobson (1963, p. 214): um sujeito mestre de suas palavras utiliza um código em comum para transmitir a um outro sujeito uma mensagem que tem como tema uma realidade extralinguística. A “língua de madeira” seria então *um sistema no qual a comunicação não cumpre seu objetivo*, pois ela seria invadida pela função “poética” (isto é, *não-referencial*) das palavras:

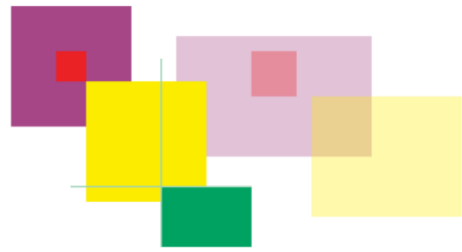
“Ela é um discurso ornado no qual as prescrições retóricas ou poéticas, inalteráveis, têm um primado absoluto sobre a informação. Isto significa que a informação bruta escapa de seu domínio” (p. 509).

Em oposição a esse fracasso referencial, esboça-se então nas entrelinhas um *ideal de comunicação bem-sucedida*, no qual a “língua de madeira” (que se opõe à “língua propriamente dita”, p. 512) não seria senão a simples negação:

“Essa indiferença radical em relação ao objeto da comunicação revela a finalidade principal do discurso socialista, que é a de funcionar de maneira autônoma, de ilustrar-se, desenvolver-se, comentar-se a si próprio por uma expansão natural” (p. 509).

Uma tal definição negativa nos aparece como uma valorização implícita da relação imediata língua/realidade, da transparência do signo, simples mediador a ser apagado para “comunicar” o “real”. É assim que, a uma problemática de pesquisa do *sentido*, sobrepõe-se uma outra problemática: a da pesquisa do *verdadeiro*.

Mas neste ponto se inscreve uma outra consequência implícita: ao definir seu objeto como “uma relação aleatória com os fatos”, L. Martinez pretende ocupar um espaço que lhe permite separar o real do irreal e julgar o grau de adequação das “palavras” ao real. Esse



espaço é o lugar ilusório de uma exterioridade a partir da qual um sujeito poderia examinar o real e as palavras para dizê-lo, sem ter de lidar com a teoria de sua própria relação com o “real”, relação colocada como imediata, absolutizada, e fora de qualquer questionamento.

1-3/ Armelle Groppo: *L'esthétique du cliché dans le roman russe contemporain* (Vs. Kochetov). Thèse de 3e cycle, Paris-X, 1979.

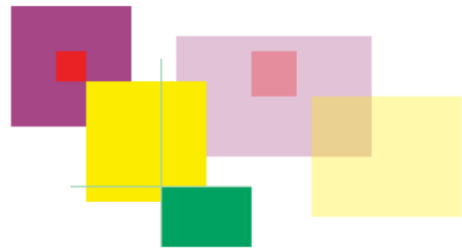
Semelhante dissociação entre as palavras e o real efetuada por um observador que mantém uma relação não mediatizada com o real pode ser encontrada em um bom número de estudos de russianistas na França.

Nós citaremos a título de informação o trabalho de A. Groppo, que parece considerar a prosa do autor Kotchetov¹⁶ como uma espécie de discurso esquizoide, pronunciado em favor “dessa sociedade para quem a realidade não é o que é, mas o que é formulado” (p. 14). Concepção nominalista em socorro de uma ontologia espontânea, essa abordagem do discurso político soviético coloca seu autor como aquele que “conhece” simultaneamente a sociedade soviética e as leis do discurso verdadeiro de maneira suficientemente eficaz para retificar um discurso mentiroso e se fazer o hermeneuta de um sentido oculto para os ocidentais não-iniciados, em uma prática de leitura-interpretação-tradução dos textos:

“... essa contradição entre as afirmações do autor e o funcionamento da sociedade que ele descreve explica a dificuldade que o leitor ocidental experimenta ao ler o que é oficialmente publicado na URSS: as palavras não têm mais o sentido ao qual se referem habitualmente. Elas remetem a conceitos opostos àqueles que constituem as categorias abstratas dispostas pelo leitor ocidental que não conhece a imprensa soviética. (...) A omissão é voluntária, ela é mentira. Nós estamos no mundo da mentira institucionalizada” (p. 297).

Aqui se funda também um discurso de verdade sobre a sua própria adequação ao real, ao qual temos acesso graças a fórmulas como: “contrariamente ao que dita o senso comum” (p. 92) “deriva da lógica mais elementar que” (p. 109) “é inconcebível” (p. 259)... (cf. Martinez: “cada um sabe que”, p. 514).

¹⁶ Vsevolod Kotchetov (1912 - 1973), um dos representantes mais típicos do “realismo socialista” mais oficial em literatura.



2/ O surreal

2-1/ Alain Besançon : “Court traité de soviétologie à l’usage des autorités civiles, militaires et religieuses” em Présent soviétique et passé russe, Livre de poche, 1980.

Para A. Besançon a “língua de madeira”, que ele opõe à “língua humana”, é uma alucinação, uma miragem na qual as palavras têm o *poder* de criar uma “*surrealidade*” que só tem existência verbal. A “*surrealidade*” de A. Besançon, mundo imutável, que não existe, se opõe ao “*real*”, mundo da transformação e da história.

A condição de estabilidade do regime soviético seria então a “logocracia” (p. 210):

“Nesse regime no qual o poder está ‘na ponta da língua’, o índice de extensão da ‘língua de madeira’ é o índice mais seguro de extensão do poder” (p. 206).

Encontramos aqui um eco de 1984 de G. Orwell, que descreve um universo fechado, funcionando *graças a* uma linguagem na qual as palavras têm um sentido inteiramente autônomo (elas são seus próprios referentes), e por isso mesmo são antônimas das palavras “verdadeiras”¹⁷.

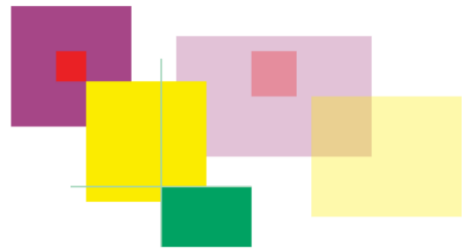
Isto permite a A. Besançon retificar a relação falseada das palavras com o “real” ao propor *traduções*. Assim, por exemplo, um *kolkhoze* [colcoz] seria, *na verdade*,

“...uma plantação servil, sob a direção de uma burocracia exterior e sob a vigilância de um sistema de repressão” (p. 201).

Para desmascarar a interferência do real pelo “surreal” bastaria então empregar as *palavras verdadeiras*. Essa retificação de perspectiva é possível através do recurso a *outras palavras* que supostamente refletem, fielmente, o “real”.

Se há aqui uma interrogação sobre o *significante*, ela desliza, de fato, muito rapidamente para uma passagem de significado-1 a significado-2. Assim, por detrás das mesmas palavras é preciso encontrar significados diferentes, sendo que um deles teria um

¹⁷ Cf. sobre este tema a crítica da teoria de Orwell por L. J. Calvet-69. Por extensão, podemos ter em mente também o célebre “a língua é fascista” de R. Bathes (*Leçon inaugurale au Collège de France*).



referente e o outro não. Essa hermenêutica da “língua de madeira”, verdadeira *luta pelas palavras*, não se escreve, portanto, como¹⁸...

$$\frac{Se_1}{So_1} \rightarrow \frac{Se_2}{So_2}$$

Mas sim

$$\frac{Se}{So_1} \rightarrow So_2$$

| |
∅ referente

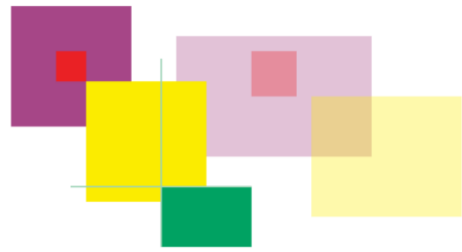
A argumentação repousa sobre uma base *ontológica*: *substitui-se* uma relação opaca palavras/real pela única relação que pode – e deve – manter a linguagem com o real: a de *transparência*. As palavras “verdadeiras” são as palavras de A. Besançon, confundidas com o sentido universalmente estabilizado de uma língua – nomenclatura de semas.

ANEXO 1

A. Besançon não é o primeiro a propor “traduções” no interior de uma *mesma língua*. Encontraremos um de seus ilustres predecessores na figura de B. Brecht (Cf. Ebel-Fiala-77, p. 2-3 a 2-12).

Parece-nos que, em certa medida, o trabalho de “reestabelecimento da verdade” (Wiederherstellung der Wahrheit) empreendido por Brecht repousaria menos sobre uma ontologização ingênua da relação linguagem/realidade, naquilo que consistiria em um verdadeiro trabalho *sobre a língua*, trabalho de escritor que forja uma língua “inaceitável” (para as normas da língua padrão), no limite da gramaticalidade, trabalho consciente do caráter de classe (portanto não absolutizado) da reescritura efetuada.

¹⁸ N. T. “Se” indica significante, e “So” significado.



É certo, no entanto, que Brecht, em uma problemática de busca pela referência, utilizava a própria língua como metalinguagem, com todos os riscos de interferência fora de controle que isso poderia implicar ao longo do processo de paráfrase (Exemplo de “deslocamento referencial”: quando Hess, em uma mensagem natalina no ano de 1934, fala do “povo alemão”, Brecht restitui um outro texto, rompendo com o referente: “os possuidores” / “os destituídos”).

2-2/ Jean Kehayan : Le tabouret de Piotr, Le Seuil, 1980.

A “língua de madeira” como *expressão do não-ser*, esta poderia ser a fórmula comum a um conjunto de trabalhos polêmicos não-universitários sobre a URSS. Assim, para J. Kehayan, que fala em “mistificação” (p. 30), em “impostura” (p. 51),

“a finalidade da informação soviética é dar como real um universo fictício” (p. 21).

A análise deverá então

“manejar as noções de não-ser, de não-mundo, a propósito de uma sociedade santificada, (o que é) difícil em uma família ideológica que *escolheu*¹⁹ impor contra o real uma lógica sob medida com suas próprias mensagens codificadas” (p. 12).

Mas aqui se supõe que a discrepância entre o real e a ficção *salta aos olhos*: não se trata mais de hermenêutica ou de didática para o uso dos ocidentais que ignoram a *realidade* soviética, a revelação derivada do efeito-leitura deve ser imediata:

“O antissovietismo mais eficaz hoje em dia consiste em publicar sem comentários o discurso oficial soviético” (p. 21).

Bastaria então ter olhos para ver...

A questão de uma eventual incompatibilidade de determinações ideológicas e históricas entre dois discursos antagonistas não será colocada²⁰.

¹⁹ Destaque nosso.

²⁰ O “surreal” parece não ser reservado ao discurso político soviético, já que o discurso político chinês seria também a expressão disso. Assim, no livro de W. Zafanolli-81, a “surrealidade” “não passa de língua codificada do poder”.



3/ O cadáver esquisito²¹

Uma outra parte do leque leva a seu paroxismo a “relação aleatória com os fatos” ao expandir o aleatório à relação entre as próprias palavras.

3-1/ Gerard Moulin : UBURSS, Gallimard, 1980.

Se, para G. Moulin, a “língua de madeira” é uma “linguagem totalmente descolada da realidade” (p. 12), é porque ela é um *jogo*, um jogo sobre as palavras, podendo servir de material à experiência surrealista que R. Queneau chama de o “cadáver esquisito” (p. 143). G. Moulin propõe ao final de seu livro conjuntos de frases divididas em grupos de palavras, dispostos em colunas. O jogo consiste em pegar uma tesoura, cortar qualquer elemento da primeira coluna, ligá-lo a qualquer elemento da segunda coluna, e assim por diante. Tendo chegado à última coluna, coloca-se um ponto e recomeça-se da primeira coluna. O resultado final da operação é um texto que visa a ser uma simulação da “língua de madeira”, provando assim que a “língua de madeira”:

- 1) tem uma estrutura sintagmática altamente repetitiva e, portanto, identificável
- 2) “não quer dizer nada”.

A experiência do “cadáver esquisito” funciona então como uma *modelização* da produção linguageira em “língua de madeira”: basta definir elementos comutáveis em posições sintáticas específicas.

Exemplo:

Camaradas// Em plena conformidade com as diretrizes de nosso congresso// os heroicos trabalhadores das fazendas e do campo// na vanguarda dos participantes da emulação socialista// contribuem para alcançar uma sociedade de liberdade autêntica// em uma extraordinária atmosfera de entusiasmo// com o apoio firme e unânime de todo nosso povo// eles realizam ombro a ombro o triunfo de seus ideais // contribuindo para reforçar a amizade fraterna entre os

Do mesmo modo, “a verdade aqui não é nada além de um atributo do poder”. (citado a partir do artigo de Henri Lewen, *Le Monde* 28-29 junho 1981).

²¹ N. T. O cadáver esquisito foi um método de escrita desenvolvido pelos surrealistas franceses, em 1925, que buscava subverter os métodos de escrita literária convencional.



povos// tal é o resultado da política nacional leninista// Mesmo assim, camaradas, é preciso dizer francamente, // etc...

O livro de G. Moulin é claramente apenas um panfleto, sem pretensão nem à linguística nem à análise do discurso.

3-2/ Uma pilhéria estudantil : “Le code universel du discours” (Uniwersalny kod przemówień), publicado no diário Życie Warszawy, retomado em Libération, de 4-5 de julho de 1981, p. 17.

É interessante notar, no entanto, que esse jogo do cadáver esquisito serve também de modelo representacional a uma análise da língua oficial feita por estudantes poloneses. O mesmo manual de instruções que, no livro UBURSS, nos promete 10000 (=10⁴) combinações para um discurso de 40 horas (cf. páginas seguintes).



Guia para o uso dos apparatchiks²² iniciantes para um discurso universal

O “código oficial do discurso”, foi publicado bizarramente pela “Zycie Warszawy”, a gazeta de Varsóvia, o grande jornal diário governamental da capital polonesa. Uma brincadeira estudantil, que desmontava os mecanismos da língua de madeira oficial. O manual de instruções é simples. Comece pelo primeiro quadro da primeira coluna, depois passe a qualquer quadro da coluna II, depois III, depois IV. Em seguida, volte para a qualquer quadro da primeira coluna e continue assim, de coluna em coluna, em qualquer ordem. 10 000 combinações para um interminável discurso de 40 horas.

I	II	III	IV
Caros colegas	A realização das obrigações do programa	nos obriga à análise	das condições financeiras e administrativas existentes
Por outro lado	a complexidade e o lugar dos estudos dos quadros	cumprir um papel essencial na formação	das direções de desenvolvimento para o futuro
da mesma forma	o aumento constante da quantidade e da abrangência de nossa atividade	exige a precisão e a determinação	do sistema da participação geral
No entanto, não esqueçamos que	a estrutura atual da organização	auxilia no preparo e na realização	das atitudes dos membros das organizações em relação aos seus deveres
Assim	o novo modelo da atividade da organização	garante a participação de um grupo importante na formação	de novas propostas
A prática da vida cotidiana prova que	o desenvolvimento contínuo de diversas formas de atividade	desempenha tarefas importantes na determinação	das direções da educação no sentido do progresso
Não é indispensável argumentar amplamente o peso e a significação destes problemas porque	a garantia constante, nossa atividade de informação e de propaganda	permite ainda mais a criação	do sistema de formação de quadros que corresponde às necessidades
As experiências ricas e diversas	o reforço e o desenvolvimento de estruturas	impede a apreciação da importância	de condições de atividades apropriadas

²² N. T. Membros da estrutura do PCUS.



A preocupação da organização, mas sobretudo	a consulta com os numerosos militantes	apresenta um ensaio de verificação interessante	do modelo de desenvolvimento
Os princípios ideológicos superiores, mas também	o início da ação geral de formação de atitudes	leva ao processo de reestruturação e de modernização	de formas de ação

Liberation sábado 4 e domingo 5 de julho de 1981, p. 17.

Se se mostra aqui a mesma impressão de que as palavras não querem dizer nada, de que elas são vazias de sentido, vemos, contudo, aparecer uma dimensão nova em comparação aos trabalhos precedentes: aquela do jogo da língua, de uma certa autonomia do significante. Mas se não se propõe mais aqui “tradução” para encontrar o verdadeiro por detrás do falso, a problemática continua a ser, entretanto, aquela da comunicação/não-comunicação de um sentido. A “língua de madeira”, *discurso opaco*, nem por isso deixa de ser um *discurso falho*²³.

ANEXO 2

Uma espécie de análise do discurso para o grande público parece fazer sua aparição na França há alguns anos. Seu alvo são essencialmente os discursos “de esquerda”.

- - Para o PCF²⁴
 - Christian Jelen : *Le PCF sans peine*, Fayard, 1981.
- Para o PS²⁵
 - Jacques Gerstlé : *Le langage des socialistes*, Stanké, 1979.
 - Christian Jelen e Thierry Wolton : *Le petit guide de la farce (sic) tranquille*, Albin Michel, 1982.

²³ Citemos igualmente, em uma perspectiva adjacente, o trabalho de Petr Fidelius-81, publicado recentemente na Itália. O linguista tcheco que se esconde sob esse pseudônimo tenta “desmascarar a linguagem nebulosa e contraditória” do cotidiano praguense *Rudé Právo* e propõe exercícios de decodificação para ensinar aos leitores a arte de ler “através” da linguagem... (a partir de uma análise dos contextos nos quais aparecem as palavras “povo”, “democracia”, “socialismo”).

²⁴ N. T. Partido Comunista Francês.

²⁵ N. T. Partido Socialista.



O procedimento consiste, em linhas gerais, em efetuar um levantamento de tiques de linguagem de representantes de um partido político, a defini-los como característicos do discurso em questão e a formular a seguinte regra:

“quando os comunistas/socialistas dizem x, isso significa claramente y” (trata-se certamente de “tradução” de uma “língua” à outra).

Essa ideia de que um grupo social ou uma formação política possa ser “reconhecível”, “identificável” por um discurso (ou, mais exatamente, um estilo) que lhe seria próprio, feito de “suas próprias” palavras, já foi alvo de críticas por parte de analistas de discurso “universitários” (cf. Courtine-80, p. 67): ela ignora a relação contraditória que um discurso pode estabelecer com seu exterior específico.

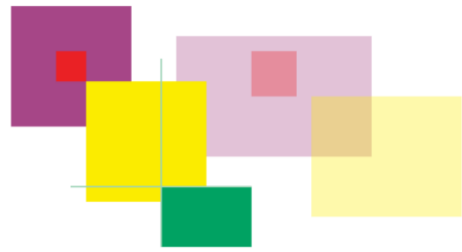
4/ Linguagem e metáfora

O estudo de François Champarnaud : *Révolution et contre-révolution culturelles en URSS* (Ed. Anthropos, 1975) tem o mérito a nossos olhos de colocar de antemão a “espessura” irreduzível da linguagem (diríamos: sua “opacidade”) e de mostrar que a prática política stalinista se fundou sobre a negação desta dimensão:

“Stálin e a burocracia soviética esmagam a linguagem. (Este esmagamento da linguagem é o oposto do “estudo” da linguagem, o qual, por si só, é afirmação de sua espessura e de suas ambiguidades,...) Eles negam, assim, à linguagem sua característica principal: sua espessura, na qual trabalham os poetas (...), os escritores e os pensadores (...) Essa violenta denegação revela ao mesmo tempo o medo que eles têm da linguagem e do pensamento. Elabora-se então na URSS uma linguagem fechada, totalitária e terrorista.” (p. 293)

No entanto, essa abertura em direção ao “trabalho sobre a linguagem”, deixando entender que o sentido não é universalmente reconhecível em uma língua idealmente bem formada, já que falamos de “ambiguidades”, encontra-se contrariada e bloqueada, em nossa opinião, por uma problemática que não deixa de recordar aquela de L. Martinez e A. Besançon: *uma linguagem ocupando o lugar do real*. Cf. p. 295:

“... a burocracia stalinista considera as palavras como sendo o real; ao fixar o real nas palavras, ela nega de uma só vez a linguagem, o real, os homens e suas possíveis transformações”.



B) Nem língua, nem fala.

1/ Fala de madeira.

Destes diferentes trabalhos sobre a “língua de madeira”, depreende-se que, paradoxalmente, é da *fala* no sentido saussuriano de que se trata.

Um sujeito livre para fazer suas escolhas, criando sua mensagem.

O processo inerente à “língua de madeira” pareceria vir da criação poética: indivíduos utilizam o código da língua para codificar uma mensagem que se caracteriza, negativamente, em relação a um ideal de “boa” comunicação, bem-sucedida. A filosofia espontânea assim implementada é fundamentada pela ideia de uma maestria sobre as palavras por parte de um sujeito que transmite – bem ou mal – um “sentido” *já inscrito* nas palavras. A “língua de madeira” seria apenas um desvio, uma espécie de aberração (cf. Martinez p. 514: “O latim monstruoso de uma Igreja monstruosa”), delírio esquizofrênico no qual as palavras, ao perder todo contato com “a realidade”, começariam a funcionar sozinhas...

Nesta visão da língua tendo por função a comunicação, realizada na fala de um sujeito, a relação “linguagem/real” nos parece revelar um *postulado realista implícito* da parte daqueles que, ao julgar o grau de adequação da “língua de madeira” ao “real”, apenas reproduzem o efeito de evidência imediata de sua própria percepção do real.

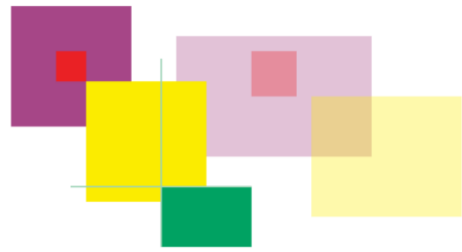
Ora, se há ficção, ela nos parece ser, em vez disso, a ficção empirista do conhecimento imediato do real, fora de qualquer apropriação pela linguagem.

Uma concepção referencialista do signo.

Pensamos que essa problemática é uma concepção singularmente empobrecedora do *sentido*, reduzido a ser um “conteúdo” sempre-já dado, objetivo, pura denotação, reflexo unívoco de um referente diretamente acessível.

Ora, desde o fim do século passado, um lógico como Frege (em “Sinn und Bedeutung”²⁶, 1892) distinguia cuidadosamente o *referente* de uma expressão, isto é, o objeto

²⁶ N. T. Sempre que possível, utilizo os mesmos termos da tradução brasileira [FREGE, Gottlob. Sobre o Sentido e a Referência. In: *Lógica e filosofia da linguagem*. Seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2009].



que ela “designa”, e seu *sentido*, isto é, a maneira como este referente é “dado” na língua. O referente não se deixa apreender diretamente, suas diferentes *representações* (ou “sentidos”) podem ser extremamente variadas, ou mesmo contraditórias.

Mas Frege igualmente sempre evitou confundir “modo de apresentação do objeto” e “criação do objeto”. Por conseguinte, estamos já muito longe de uma linguagem – reflexo do real e também de um signo “capaz de criar” uma realidade ou surrealidade. Trataremos, portanto, de um plano relativamente autônomo do *sentido*, que tem por corolário uma opacidade constitutiva da linguagem, e não acessória, sobreposta ou *patológica*.

O sentido universal veiculado por uma linguagem transparente.

Pudemos ver nos pontos 1/ a 4/ do capítulo precedente uma certa progressão, da transparência à opacidade da linguagem. Mas isso era só para melhor instituir, por contraste, a transparência ideal da “verdadeira” língua, a que não é de madeira.

Esta concepção utilitarista da linguagem transmitindo um sentido pré-existente ao ato de comunicação nos parece um eco longínquo do neopositivismo, que opunha os “enunciados dotados de sentido” aos “enunciados desprovidos de sentido”, recusando qualquer validade ao estudo destes últimos.

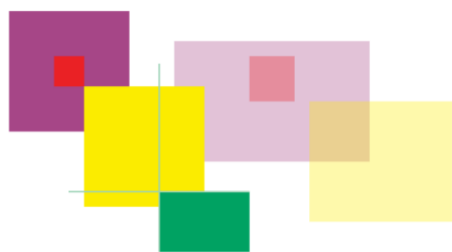
É assim que o discurso político soviético, anti-língua de um anti-mundo, seria declarado inadmissível pelos ocidentais, uma vez que não coloca o “bom” sentido por trás das palavras.

Observamos, contudo, uma oscilação entre dois polos opostos: a “língua de madeira” é, ao mesmo tempo,

- a língua da trapaça, da mentira, do maquiavelismo (ela fala para dizer o falso);
- a língua do nonsense, do cadáver esquiso (ela fala para não dizer nada).

A estas duas análises, uma dupla solução é engendrada, enquadrando-se perfeitamente com a linha do neopositivismo:

- rejeitar a “língua de madeira” como não fazendo sentido;
- substituí-la pelas “suas próprias” palavras, em adequação com o referente extralinguístico (cf. as “traduções” de A. Bensaçon): uma fala falsa que bastaria ao



“bom senso” inverter para reencontrar o “bom” sentido (como certos soviéticos leem a Pravda²⁷ “ao contrário”, invertendo sistematicamente o sentido das informações).

É a universalidade do sentido das palavras, em uma relação de igual-para-igual com as coisas, que permite A. Besançon citar São Boaventura para propor seu programa de combate:

“O ser põe o não-ser completamente em fuga” (op. cit, p. 292).

Mas a incompreensão que os ocidentais manifestam a respeito do discurso político soviético, rebatizado de “língua de madeira”, o caráter declaradamente inadmissível dessa “língua”, tudo isso não seria uma maneira de salvaguardar sua própria ilusão de liberdade e de criatividade languageira, sua aptidão para dizer o verdadeiro, colocando como corolário a *escolha deliberada* dos soviéticos em dizer o falso?

Mentira, delírio e jogo, três maneiras de ignorar *a eficácia material do imaginário*, o que faz com que um discurso “funcione” ...²⁸

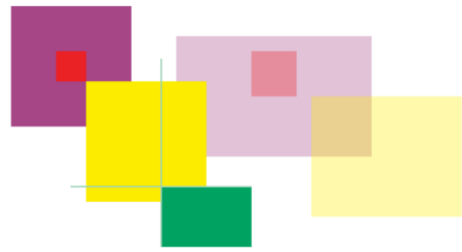
E se a linguagem não servisse *primeiramente* para comunicar um sentido, mas sim, em vez disso, para instituir os lugares de sujeito onde cada um pode se reconhecer, do PCUS²⁹ ao Povo soviético? Se fosse preciso procurar essa “relação de um tipo particular entre a língua e o poder na URSS” do lado de uma forma particular de *assujeitamento*?

Defenderemos que não se pode sair do impasse criado pela abordagem criticada mais acima a não ser mudando de perspectiva: não é nem de *língua* nem de *fala* de que se trata, mas de *discurso*.

²⁷ N. T. Principal jornal da União Soviética e órgão oficial do PCUS. Pravda “quer dizer” Verdade, em russo.

²⁸ Cf. M. Pêcheux (1975, p. 108), ao criticar o positivismo em funcionamento na obra de Frege: “o imaginário é colocado, então, como o equivalente do irreal e reduzido a um efeito psicológico individual de natureza ‘poética’”. Essa observação poderia se aplicar perfeitamente ao conjunto de textos que nós comentamos... [N. T. A tradução da citação dessa nota seguiu a tradução brasileira [PÉCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 119].

²⁹ N. T. Partido Comunista da União Soviética.



2/ Discurso de madeira, discurso de vento. (ou: discurso do Um, discurso do Outro)

Pensamos que a impressão de “alucinação” que o discurso político soviético pode provocar está efetivamente ligada a uma relação, de um lado, entre signo linguístico e referente, e, de outro, entre linguagem e sujeito. Mas proporemos levar em conta uma perspectiva diferente daquela visada até aqui. Dito de outro modo, vamos ter de “mudar de terreno”.

Sabemos que as teses de N. Chomsky e dos gerativistas são fundadas sobre a *criatividade*: todo sujeito falante de uma língua seria capaz de produzir e de interpretar, por meio de regras recursivas finitas, frases infinitas que jamais foram formuladas antes.

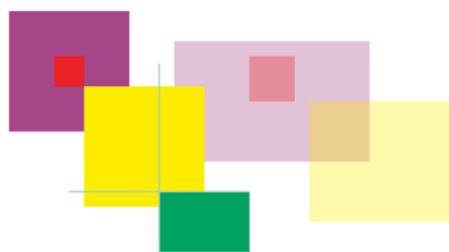
Ora, nos últimos anos, os trabalhos de M. Pêcheux (1975), P. Henry (1974, 1975), e também, de J. B. Grize e do Centro de pesquisas semiológicas de Neuchâtel, todos marcados pelo pensamento de A. Culioli, empenham-se em mostrar que, diferentemente das linguagens artificiais como a lógica formal, toda produção de enunciados em língua natural se faz a partir de elementos *já* qualificados, determinados, já-ditos por outros, alhures, antes, sendo a fronteira entre o “dito” e o “já-dito” nunca delimitável previamente.

Assim, para M. Pêcheux (1969, p. 28, citado por A. Lecomte, 1978, p. 42) “não há sujeito psicológico universal que sustente o processo de produção de todos os discursos possíveis, no sentido em que o sujeito representado por uma gramática gerativa é apto a engendrar todas as frases gramaticalmente corretas de uma língua”³⁰.

Nessa perspectiva, o não-dito é tão significante quanto o que é dito: a “margem de manobra” do locutor não é infinita: ele não pode dizer “tudo”. Ao contrário, o espaço do formulável é determinado pelo que não pode ser dito.

Se é verdade que “as palavras são as palavras dos outros” (Volochinov-77, p. 57, p. 141, disse isso antes de Lacan, em 1929), o locutor, ou a “forma-sujeito” que toma seu lugar

³⁰ N. T. Aqui, sigo a tradução brasileira [PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso* (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Toni (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania Mariani *et al.* 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 93].



(cf. Pêcheux-75, p. 148), vai assim tomar como *objeto* de seu discurso *enunciados* exteriores ao seu discurso.

Daí a fórmula de Culioli, retomada por Pêcheux (1975, p. 239): “o não-dito precede e domina a asserção”.³¹

A eclosão da “forma-sujeito” se manifesta pela *defasagem* dos níveis de asserção, ou de tratamento do enunciado.

Uma das formas dessa defasagem das redes discursivas (mas somente uma das formas) é o fenômeno linguístico da nominalização (Nmz). Já esboçamos uma descrição de seu funcionamento discursivo (cf. Seriot-81) procurando conceber o lugar da descrição de um sistema linguístico específico (“a Nmz em russo”) sobre o qual vêm se inserir processos discursivos.

Assim, na sequência $Nmz_1 - V - Nmz_2$, se $v = \{ARG\}$ (onde $\{ARG\}$ designa o que chamamos de “verbo de argumentação”: подтверждать [podtverždat’]: “confirmar”, показывать [pakaazyvat’]: “mostrar”, свидетельствовать [svidetel’stvovat’]: “testemunhar” etc.),

Nmz_2 deve ser compreendida como o encaixe de um enunciado predicativo cuja enunciação esteja relacionada a um enunciador adverso detrator, “fonte” da negação de Nmz_2 , enunciação *anterior* à enunciação de V.

Tomemos o enunciado seguinte:

K95-09³² Весь опыт строительства социализма в нашей стране подтверждает правильность ленинского принципа материальной заинтересованности.

[Ves’ opyt stroitel’stva socializma v našej strane podtverždaet pravil’nost’ leninskogo principa material’noj zainteresovannosti]

(Toda a experiência de construção do socialismo no nosso país confirma a exatidão do princípio leninista do interesse material.)

³¹ N. T. Aqui, novamente, sigo a tradução brasileira [PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995, p. 260].

³² “K95-09” significa: discurso de Khrushchov (trata-se do relatório de atividades do XXII congresso do P.C.U.S. em 1961), página 95, linha 9.



Neste enunciado, a Nmz₂ “правильность принципа...” [pravil’nost’ principa] (a exatidão do princípio...) é produto do encaixe, no nível linguístico, do enunciado predicativo:

ленинский принцип материальной заинтересованности правильный
[leninskij princip material’noj zainteresovannosti pravil’nyj]

(o princípio leninista do interesse material é exato)

Mas, no nível do discurso, há uma defasagem de tratamento:

- Somente o verbo подтверждать [podtverždat’] (confirmar) suporta marcas de asserção: modo indicativo, voz ativa, modalidade afirmativa.
- Nmz₁: Весь опыт строительства... [Ves’ opyt stroitel’stva...] (toda a experiência de construção...) é um “*pré-construído*”³³, que se apresenta como um fato objetivo, fora de questão, objeto do mundo pré-existente ao discurso, cuja “existência” é garantida por um Sujeito universal.
- Quanto à Nmz₂, ela deve ser relacionada não a um sujeito universal, como Nmz₁, mas a um enunciador diferente do de V, ou S₁. Nós o chamaremos de S₂, “fonte” do enunciado E₂:

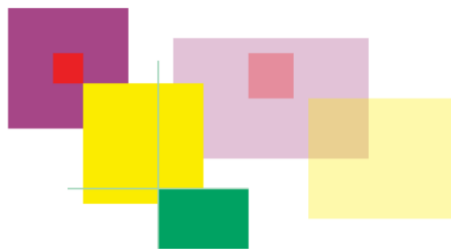
E2 = Ленинский принцип заинтересованности неправильными
[leninskij princip material’noj zainteresovannosti nepravil’nyj]

(o princípio leninista do incentivo material não é exato)

- A “responsabilidade” assertiva de S₁ consistirá então em “revirar” E₂ através de um verbo argumentativo e um pré-construído à esquerda do verbo.

Estamos então em presença de um caso *visível* de “polifonia” (no sentido de Bakhtine [Bakhtin]), ou de “polidromia” (no sentido de P. Kuentz-72, p. 28): vários “lugares” de sujeitos da enunciação se encaixam e permitem o dialogismo no seio de um mesmo enunciado.

³³ Pré-construído: esse termo, introduzido em análise do discurso por P. Henry-74, p. 2-79, designa uma “construção” anterior, exterior, independente, por oposição ao que é construído por um sujeito no ato de enunciação. Trata-se das “evidências” “prontas” que um sujeito da enunciação *se apropria* como objeto do mundo exterior a seu discurso.



Assim, a “língua de madeira” passa longe de *afirmar o falso*, sua especificidade seria antes afirmar³⁴ simples *relações* entre objetos pré-construídos, ou ainda afirmar apenas “predicados de atitude proposicional” introduzindo completivas:

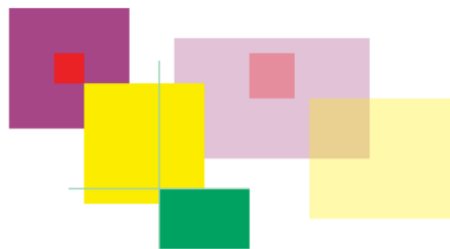
- нам приятно отметить, что [nam prijatno otmetit', čto] (agrada-nos constatar que)
- приходится отметить, что [prixoditsja otmetit', čto] (é preciso notar que)
- мы гордимся тем, что [my gordimsja tem, čto] (estamos orgulhosos que)
- нельзя не учитывать и того, что [ne'l'zja ne učityvat', čto] (não se pode não levar em conta o fato de que)
- надо заметить, что [nado zametit', čto] (é preciso destacar que)
- можно с особым удовлетворением отметить, что [možno s osobym udovletvorenijem, čto] (pode-se notar com uma satisfação bem particular que)
- партия с большим удовлетворением отмечает, что [partija s bolšim udovletvorenijem otmečaeť, čto] (o partido percebe com satisfação que)

etc...

Falaremos a esse respeito de *discurso científico* que constata *fatos de observação*. A responsabilidade da asserção desses fatos passa então a um “Sujeito universal”:

- нетрудно видеть, что [netrudno videt', čto] (não é difícil ver que)
- все хорошо знают, что [vse хороšo znajut, čto] (todo mundo sabe muito bem que)
- для всех очевидно, что [dlja vsech očevidno, čto] (é evidente para todo mundo que)
- вполне понятно, что [vpolne ponjatno, čto] (compreende-se bem que)
- известно, что [izves tno, čto] (sabe-se que)
- кому не ясно, что [komu ne jasno, čto] (para quem é que não é claro que)

³⁴ N. T. Em vários momentos, no texto em francês, o autor mobiliza palavras derivadas do verbo “*asserter*”. Embora tenhamos, em português, o verbo “*assertar*”, me pareceu, em alguns casos que a tradução era estranha. Ao final, utilizei uma variação de verbos, em que se incluem “*dizer*” e “*afirmar*”, além da forma nominalizada “*asserção*”, tendo como principal critério uma aproximação ao português brasileiro.



- ни для кого не секрет, что [ni dlja kogo ne sekretno, čto] (não é um segredo para ninguém que)

etc...³⁵

Gostaríamos agora de desenvolver esse ponto dizendo que *a ambiguidade é constitutiva de todo discurso, com a consequência de que não se pode encontrar para o sujeito da enunciação um lugar central e estável em que ele seja a origem do sentido de suas falas.*

É ainda sobre o fenômeno da nominalização que nos apoiaremos aqui.

Ambiguidade no nível dos conectores sequenciais.

K104-18 В своей принципиальной и решительной критике культа личности наша партия исходила из указаний Вадлимира Ильича Ленина, из его завещания [V svoej principial'noj i rešitel'noj kritike kul'ta ličnosti naša partija isxodila iz ukazanij Vladimira Il'jiča Lenina].

(Em sua crítica fundamental e categórica do culto à personalidade, nosso partido se fundou sobre os ensinamentos de Vladimir Ilyich Lenin, sobre seu testamento.)

Há aqui o que a gramática gerativa chama de uma *transformação generalizada*: um sintagma se nominaliza e se encaixa em um sintagma matriz.³⁶

Chamaremos o sintagma matriz de p (realizado no enunciado terminal):

p = Наша партия исходила из указаний В.И. Ленина, из его завещания.

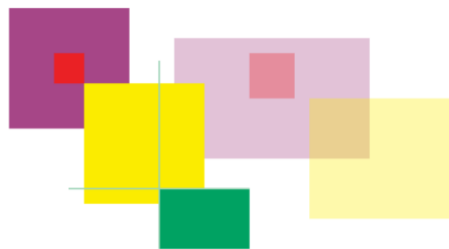
[Naša partija isxodila iz ukazanij V. I. Lenina]

(nosso partido se fundou sobre os ensinamentos de V. I. Lenine, sobre seu testamento)

³⁵ Sistema de evidências a ser aproximado do de L. Martinez, A. Groppo etc..., cf. p. 08.

³⁶ Trata-se da terminologia empregada na hipótese transformacional: Chomsky-57, Chomsky-65, retomada por Dubois-70 (p. 280-286), Ruwet-67 (p. 213 ss.), Veyrenc-80 (p. 365), Lyons-70 (p. 205, 265).

Os conceitos de Chomsky certamente evoluíram de forma notável desde então para alcançar a “hipótese lexicalista”, cf. Chomsky-68. Esta hipótese é muito dificilmente utilizável se nos restringirmos a determinar as formas de imbricação de um enunciado em outro. É por isso que nos deteremos, por ora, à figura do *encaixe*.



e (q) o sintagma constituinte, com sua rede de indeterminações devido às neutralizações que o enunciado predicativo sofre em russo ao se nominalizar (nós o anotaremos entre parênteses para marcar sua pluri-potencialidade):

(q) = наша партия критиковала
 критикует культ личности
 раскритиковала

 kritikovala
[naša partija kritikuet kul't ličnosti]
 raskritikovala

 criticou (ipf)
(nosso partido critica o culto à personalidade.)
 criticou (pf)

("pf" = perfectivo

"ipf" = imperfectivo)

O fato original ocorrido quando uma Nmz se encontra em um sintagma preposicional (SP) é que a relação entre o enunciado predicativo subjacente à Nmz e o enunciado-"matriz" (aqui relação entre (q) e p) se faz por coordenação *ou* subordinação dos dois enunciados, e não por instanciação (ou "preenchimento") de um lugar vazio de argumento do predicado do sintagma matriz. Isso mostra o quanto a escolha entre uma descrição por hierarquização dos constituintes (dominância de nós) ou por sequencialidade de enunciados em gramática terá uma incidência em análise do discurso, por exemplo para determinar se há *anterioridade*, *ou exterioridade* de um enunciado em relação a outro.

Ora, as conexões de sequencialidade (que proporemos não chamar de "conexões lógicas") podem ser múltiplas:

- **coordenação:**

p и (q) [p i (q)]

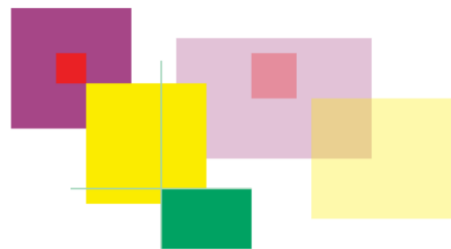
p e (q)

p но (q) [p no (q)]

p mas (q)

(q) но (p) [(q) no (q)]

(q) mas p



р зато (q) [p zato (q)]

p em contrapartida (q)

(q) зато р [(q) zato (q)]

(q) em contrapartida p

(citamos também os conectores то есть [to est’]: isto é, значит [značit]: portanto, следовательно [sledovatel’no]: por conseguinte etc...)

- **subordinação:**

р, когда (q) [p, kogda (q)]

p quando (q)

(q), когда р [(q), kogda p]

(q) quando p

р, потому что (q) [p, potomu, čto (q)]

p porque (q)

(q), потому что р [(q), potomu, čto p]

q) porque p

р, чтобы (q) [p, čtoby (q)]

p para que (q)

(q), чтобы р [(q), čtoby p]

(q) para que p

р, хотя (q) [p, xotja (q)]

p embora (q)

(q), хотя р [(q), xotja p]

(q) embora p

р, так как (q) [p, tak kak (q)]

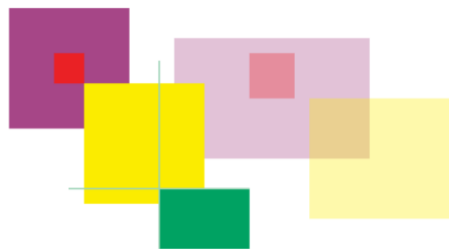
p pois (q)

(q), так как р [(q), tak kak p]

(q) pois p

Todas as 15 paráfrases propostas³⁷ têm igual aceitabilidade no plano *lingüístico*. No nível do discurso, os efeitos de sentido dessas paráfrases serão mais ou menos previsíveis ou inesperados segundo as condições de produção e de interpretação do discurso em questão. Mas não colocaremos o problema da “aceitabilidade discursiva” da paráfrase: pelo contrário, pensamos que convém levar em conta a opacidade e mantê-la.

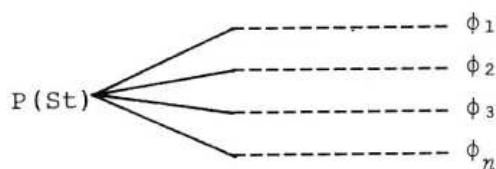
³⁷ Sem contar a indeterminação própria a (q), o que nos deixa então com 45 paráfrases... Entretanto nada permite lhes atribuir um limite numérico a priori.



Com efeito, uma descrição *linguística* de um sintagma, após estabelecida (“calculada”) a rede de ambiguidade própria a esse sintagma, procurará primeiramente uma desambiguação contextual, em seguida situacional (a hipótese de que, a toda ocorrência de um enunciado, corresponde um, e somente um, sentido).

Na nossa perspectiva, pensamos que o *jogo da ambiguidade* é constitutivo do discurso (de *todo* discurso em língua natural), no triplo sentido de jogo para ser jogado, de jogo de ferramentas e de espaço para o jogo³⁸ (“estar com o jogo ganho”).

Assim, a um sintagma P com uma estrutura sintática dada St corresponderá um *jogo* de paráfrases $\Phi = \{\Phi_1, \Phi_2, \dots, \Phi_n\}$ (o conjunto Φ não sendo definível em extensão a priori):



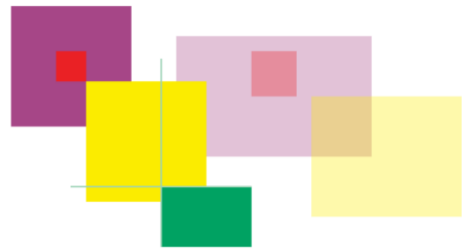
Admitamos que um receptor³⁹ R_1 atribua ao sujeito da enunciação a paráfrase Φ_1 para P(St), este poderá sempre responder: “não, Φ_2 ” (essa hipótese metadiscursiva, de fato, tem poucas chances de se realizar concretamente). Mas se um R_2 lhe atribui Φ_2 , então ele também poderá dizer: “não, Φ_1 ”, ou “não, Φ_n ”, e assim por diante.

Assim, o “sujeito” da enunciação pode nunca estar lá onde se espera, sob o modo do “não é o que eu quis dizer”, e inversamente...

Ora, e este é o ponto importante, esse des-locamento do sujeito da enunciação frente a suas asserções potenciais pode não ser nem voluntário nem inteiramente consciente. O sintagma P(St) pode “querer dizer” simultaneamente todos os Φ , o “excedente de sentido(s)”

³⁸ N. T. No texto original, o autor faz utiliza “*jeu dan um mecanisme*” [jogo em uma engrenagem]. Sobre isso, vale destacar que, em francês, na área da engenharia mecânica, *jeu* significa *folga*, isto é, um espaço entre duas peças em uma engrenagem. Para me aproximar dessa polissemia, que não existe em português, propus, em um contexto diferente, *espaço para o jogo*, que se refere ao momento em que se tem, em um jogo de cartas, as cartas necessárias para ganhar o jogo e há um espaço para jogar/blefar.

³⁹ No sentido de receptor concreto, e não de *destinatário*, como lugar explícito previsto no discurso.



que passa então a ser detectável, não sendo necessariamente previsto nem previsível pelo emissor.

Vemos que já estamos bem longe do esquema jakobsoniano de um emissor que transmite um sentido a um receptor por meio de um código unívoco. Mas iremos mais longe ao recusar pressupor que haja necessariamente uma interpretação única a ser efetuada durante o processo de desambiguação: *o sentido pode ser múltiplo*.

O enunciado que analisamos parece mostrar que também estamos longe desta “língua de madeira” caracterizada por M. Heller como uma “língua que não deixa espaço para dúvidas”.

À guisa de conclusão.

Entrevimos rapidamente dois fenômenos discursivos, ambos ligados ao fenômeno linguístico da nominalização:

- uma dupla pré-asserção → vários sujeitos
(ou antes vários lugares de sujeitos)

o esquema sintático:

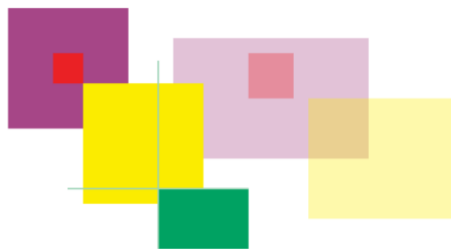
$$\begin{array}{c} \text{Nmz}_1 - \text{V} - \text{Nmz}_2 \\ | \\ \{\text{ARG}\} \end{array}$$

- um sujeito → várias asserções
(ou antes várias potencialidades de asserção)

o esquema:

$$(\text{SP} (\text{Nmz})) \quad (\text{nominalização em um sintagma preposicional})$$

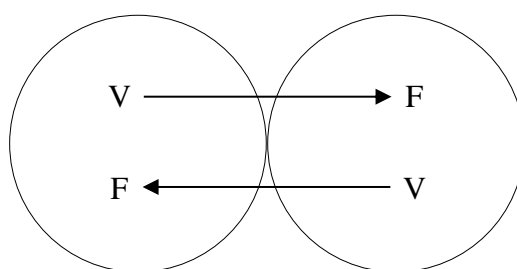
Esta eclosão da forma-sujeito, em sua identidade e em suas asserções, desarranja a ideia de transmissão (bem-sucedida ou fracassada) de um sentido. O sentido não é mais o que esperávamos, não mais que o sujeito como “autor” de suas falas.



Tal perspectiva de pesquisa nos parece ser uma das vias possíveis para romper com a circularidade na qual está circunscrita a crítica da “língua de madeira” fundada sobre a denúncia de uma mentira. A atitude “ocidental” frente ao discurso político soviético é rigorosamente simétrica a dos ideólogos soviéticos face ao discurso ocidental: nega-se qualquer realidade ao discurso adverso em nome da adequação do signo ao sentido que o sujeito tem a transmitir.

Discurso ocidental⁴⁰

Discurso soviético



Na verdade, paradoxalmente, os defensores da teoria segundo a qual o discurso político soviético é “mentira” e/ou “surreal” *levam este discurso a sério*: a leitura imediata que eles fazem disso se limita ao que é *dito* (mesmo se – ou porque – eles consideram esse dito como simplesmente “falso”).

Citando palavras ou, no melhor dos casos, parafraseando *sintagmas*, eles não abordam a organização de *enunciados* em um discurso, não mais que somente concebem que o discurso possa ser determinado exteriormente.

O amálgama do sintagma e do enunciado deriva de uma confusão da língua e do discurso: ao negligenciar a distinção entre o que é *dito* e o que está apenas *indicado*, eles deixam de lado o problema da defasagem dos níveis de asserção e aquele, que lhe é corolário, o de *lugares do sujeito da enunciação*. Trata-se aí de um estudo da linguagem, cego aos fenômenos de desnivelamento, do assentamento de lugares enunciativos, ligados ao encaixe sintático. Isso entra perfeitamente em acordo com o fato de falar de textos *traduzidos*

⁴⁰ Semelhante circularidade se encontra no próprio seio da esfera política francesa. É assim que R. Garaudy declarava no número de dezembro de 1949 de *La Nouvelle Critique*, a propósito do livro de M. Thorez *Fils du peuple*: “... os porta-vozes de uma classe decadente precisam aumentar o tom: eles têm algo a esconder ou a mistificar. Para eles, as palavras são então maiores que as coisas ou diferentes das coisas. Aqui, as palavras se colam aos fatos e às ações.” (citado em Goulemot-81, p. 69) Ainda “os fatos” e “as palavras”...



(cf. A. Besançon, G. Moulin), pois, ao negar a “espessura” da linguagem, não há nenhuma necessidade de trabalhar a materialidade languageira e discursiva.

Tentamos mostrar, sobre um exemplo concreto, o problema da interpretação de um texto face a uma ambiguidade *discursiva*, deixando, assim, o terreno de uma língua ideal (aqueles que, ao denunciar uma fala falsa, pensam emitir uma fala verdadeira), centrada sobre a ordem “natural” de uma estrita correspondência das palavras e das coisas, língua “adâmica”, inocente, e isenta de equívocos e de ambiguidades.

Assim, um fenômeno *lingüístico* como o da nominalização pode ser suporte de processos discursivos: ele pode ser um traço de pré-construído. É então que intervém um nível de análise que já não depende mais da linguística (como descrição do sistema da língua): o das relações no interior das quais *se constitui o formulável*.

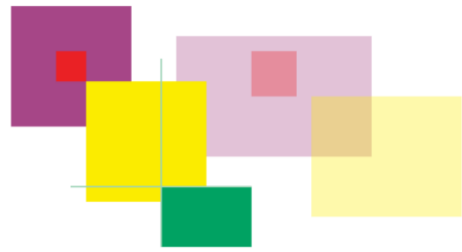
Brejnev está longe de ser um gênio ou um demente Machiavel moderno, podemos justamente detectar em seu discurso uma *forma-sujeito* tendendo a desaparecer por trás de / mas também constituída por.../ uma nítida predominância de relações predicativas não-ditas, sistema de evidências e de significações recebidas que se impõem ao destinatário, mas igualmente ao locutor, como elementos *exteriores* ao discurso *incorporados* no discurso.

O emprego de formas nominalizadas está assim tendencialmente ligado ao assujeitamento pela via da identificação do sujeito ao “sujeito universal” (apagamento das condições de produção do sentido). Mas em nenhum caso podemos estabelecer uma relação mecânica entre nominalização e pré-construído (cf. nosso artigo inédito: “*Syntagmatisation et ambigüité discursive*”⁴¹). Não propomos uma tipologia do discurso político soviético fundada sobre uma retomada das frequências de nominalizações, o que seria considerar como resolvido o problema da recepção e da interpretação dos textos, e também o da relação sintaxe/semântica.

Se formulamos então que:

- a ambiguidade é constitutiva do discurso

⁴¹ N. T. Este artigo não foi publicado.



- e que a abundância das nominalizações (em estruturas sintáticas identificáveis) na “língua de madeira” tem ao mesmo tempo uma relação (entretanto não determinável a priori) com o manejo do implícito e a desarticulação do lugar central do sujeito da enunciação,

diremos, portanto, que o discurso político soviético se caracteriza por uma *tensão* entre homogeneidade, unanimidade, monolitismo declarados e heterogeneidade fundamental, pelo menos no estado atual de nossas pesquisas e a partir do corpus estudado⁴². Não é um espaço fechado, mas uma imbricação de “voz” (Bakhtine [Bakhtin]), de lugares de sujeito (em vez de “sujeitos” reais identificáveis no extra-discursivo) e de níveis de asserção.

Mas então a “língua de madeira” seria também apenas uma forma extrema de um fenômeno, soma bastante “banal” de assujeitamento do sujeito da enunciação a um Sujeito universal.

Resta se perguntar *por que* este assujeitamento em um discurso que se pretende decorrente de uma prática política marxista-leninista.

Não respondemos a todas as questões que colocamos. Desejaríamos que esse texto sirva de ponto de partida para discussões sobre o lugar dos processos discursivos apoiando-se sobre o sistema linguístico (as nominalizações, por exemplo) em russo, e sobre seu funcionamento nesse discurso que se diz “língua de madeira”, e que nós chamaríamos de bom grado “de vento”, em virtude do caráter esquivo de sua fonte enunciativa.

Referências

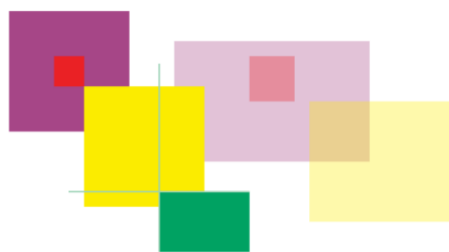
ANONYME, Le code universel des discours », dans **Libération** 4-5 Juillet 1981.

BARTHES, R. **Leçon inaugurale au Collège de France**, Seuil, 1978.

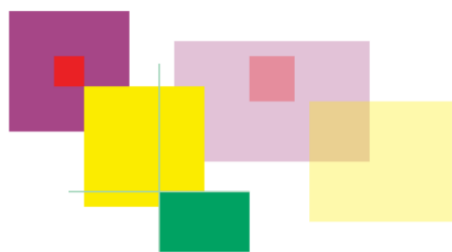
BESANÇON, A. **Présent soviétique et passé russe**, Livre de Poche, coll. Pluriel, 1980.

BRECHT, B. **Schriften zur Politik und Gesellschaft 1919-1956**, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1967.

⁴² Esse corpus é constituído pelo último relatório de atividade (отчётный доклад) [otčetnyj doklad] de N.S. Khrushchov no XXII congresso do P.C.U.S. (outubro de 1961) e do primeiro relatório de atividade de L.I. Brejnev no XXIII congresso (março de 1966).



- CALVET, L. J. Sur une conception fantastique de la langue : le 'Newspeak' de Orwell, dans **La Linguistique**, N° 1, p. 101-104, 1969.
- CHAMPARNAUD, F. **Révolution et contre-révolution culturelles en URSS**, Anthropos, 1975.
- CHAUVEAU, G. Problèmes théoriques et méthodologiques en analyse de discours, dans **Langages** N° 52, 1978.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**, La Haye, Mouton, 1957.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**, Cambridge, Mass., The M.I.T. Press, 1965.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization, trad. fr. **Questions de sémantique**, Seuil, 1975 (1968).
- COURTINE, J.J. **Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens**, Thèse de 3^e cycle, Paris-X, 1980.
- COURTINE J.J. L'instituteur et le militant (Contribution à l'histoire de l'analyse du discours en France), dans **Archives et document de la S.H.E.S.L.** N° 2, 1982.
- DEBRAY, R. **Modeste contribution aux discours et cérémonies officielles du 10^e anniversaire**, Maspero, 1978.
- DOMENACH, J. M. La Yougoslavie et la relance du socialisme, dans **ESPRESSO**, déc. 1956.
- DUBOIS, J. **Le vocabulaire politique et social en France de 1869 à 1872**, Larousse, 1962.
- DUBOIS, J. et DUBOIS-CHERLIER F. **La phrase et les transformations**, Larousse, 1970.
- EBEL, M et FIALA, P. Recherches sur les discours xénophobes, dans **Travaux du Centre de recherches sémiologiques**, Neuchâtel, 1977.
- FIDELIUS, P. **Popolo, democrazia, socialismo**, CSEO, Bologna, 1981.
- FREGE, G. Sinn und Bedeutung, dans Zeitschrift für philosophie und philosophische Kritik, trad. fr. dans **Ecrits logiques et philosophiques**, Seuil, 1971 (1892).
- FURETIERE, A. **Dictionnaire universel**, 1690..
- GARAUDY, R. Doctrine et vie dans Fils du peuple, dans **La Nouvelle Critique**, déc. 1949.
- GERSTLE, J. Le langage des socialistes, Stanké, 1979.
- GOULEMOT, J. M. **Le clairon de Staline**, Le Sycomore, 1981.
- GRIZE, J. B. Marériaux pour une logique naturelle, dans **Travaux du Centre de recherches sémiologiques**, N° 29, 1976.
- GROPPO, A. **L'esthétique du cliché dans le roman russe contemporain (Vs. Kotchetov)**, Thèse de 3^e cycle, Paris-X, 1979.
- GUESPIN, L. Types de discours ou fonctionnements discursifs ? » dans **Langages**, N° 41, 1976.
- GUILHAUMOU, J. et MALDIDIER, D. Courte critique pour une longue histoire, dans **Dialectiques**, N° 26, 1979.
- HARRIS, Z.: Discourse Analysis, dans **Language**, N° 28, (trad. fr. dans Langages, N° 13, 1969 (1952) .



- HELLER, M. Langue russe et langue soviétique, dans *Le Monde*, 5-7-79 ; repris dans **Recherches**, N° 39, oct. 1979, p. 17-21.
- HENRY, P. **De l'énoncé au discours**: présupposition et processus discursifs, ronéo CNRS/EPHE, 1974.
- HOUDEBINE, J. L. Avere uno Stalin sulla lingua dans **Sessualità e potere**, A. Verdiglione éd., Venezia, Marsilio, 1976.
- JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale**, Editions de Minuit, 1963.
- JELEN, Ch. **Le PCF sans peine**, Fayard, 1981.
- JELEN, Ch. et WOLTON, Th. **Le petit guide de la farce tranquille**, Albin Michel, 1982.
- KEHAYAN, J. **Le tabouret de Piotr**, Le Seuil, 1980.
- KHROUCHTCHEV, N. S. **Compte-rendu d'activité (otcëtnyjdoklad) au XXIIe congrès du P.C.U.S.**, 1961
- KUENTZ, P. Parole/discours dans **Langue française**, N° 15, 1972.
- LECOMTE, A. Paraphrase et thématization (Essai d'analyse logique), dans **Travaux du Centre de recherches sémiologiques**, N° 32, Neuchâtel, 1978.
- LEUWEN, H. Compte-rendu de : ZAFANOLLI, W. Le président clairvoyant contre la veuve du timonier, Payot, dans **Le Monde**, 28-29 juin 1981.
- LYONS, J. **Linguistique générale**, Larousse, 1970.
- MARTINEZ, L. La langue de bois soviétique, dans **Commentaire**, N° 16, 1981.
- MOULIN, G. **UBURSS**, Gallimard, 1980.
- ORWELL, G. **Nineteen Eighty-Four**, Martin Seckers Warburg, London, 1949
- OUAMARA, A. **AAD**: La paysannerie dans le discours du FLN, Mémoire de DEA, Grenoble-II, 1980.
- OUDIN, A. **Recherches italiennes et françaises**, Paris, 1640.
- PÊCHEUX, M. **Analyse automatique du discours**, Dunod, 1969.
- PÊCHEUX, M. **Les vérités de La Palice**, Maspero, 1975.
- REBOUL, O. **Langage et idéologie**, P.U.F. 1980.
- RUWET, N. **Introduction à la grammaire générative**, Plon, 1967.
- SEROT, P. Nominalisation et implicite dans le discours politique soviétique, in **Actes du IIIe congrès de linguistique slave**, à paraître, Institut d'Etudes Slaves. 1981.
- SEROT, P. La sociolinguistique soviétique est-elle 'neo-marriste' ?, dans **Archives et documents de la S.H.E.S.L.**, N° 2, 1982
- SOLJENITSYVE, A. : **Lettre ouverte aux dirigeants de l'Union soviétique**, Le Seuil.
- VOLOCHINOV, V. (BAKHTINE, M) **Le marxisme et la philosophie du langage**, Ed. de Minuit, 1977.
- VEYRENC, J. **Études sur le verbe russe**, Institut d'études slaves, 1980.
- VOSLENSKY, J, **Nomenclatura**, Fritz Molden Verlag, München (trad. fr.: La nomenclatura, Livre de Poche, 1980.



ZAFANOLLI, W. Le président clairvoyant contre la veuve du timonier, Payot. 1981.

*

Temos que agradecer a J. F. Berthon, J. Breuillard, J.J. Courtine, F. Gadet, M. Pêcheux e R. Roche pelas discussões que tivemos a propósito deste texto.